

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## RESENHA CRÍTICA

**KONSTAN, David, A Amizade No Mundo Clássico, trad. de Marcia Epstein Fiker, São Paulo, Odysseus, 2005 [*Friendship In The Classical World, Cambridge, 1997*]**

### **AMIZADE EM HESÍODO Uma conversa com David Konstan**

Luiz Otavio de Figueiredo Mantovaneli  
Doutorando – PPGF/ Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

RESUMO: Este trabalho apresenta o resultado de uma conversa estabelecida entre mim e o Professor David Konstan acerca da refutação que proponho sobre a sua leitura da experiência da amizade presente em *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, exposta em seu livro *A amizade no mundo clássico*. Contra sua argumentação de que o poeta beócio visava apenas relações de conveniência, a presente discussão sustenta que já estão em cena todos os elementos que Aristóteles considerava essenciais para o surgimento da verdadeira amizade. Após tomar conhecimento do conteúdo das minhas observações, Konstan acrescentou a importante contribuição que encerra o texto.

Palavras-chave: Aristóteles, Hesíodo, Konstan, poesia, ética, amizade.

Abstract: This work presents the result of a conversation established between me and Professor David Konstan about my refute to his view about Hesiod's experience of friendship in his *Works and Days* which is presented in his book *Friendship in the classical world*. Against his argumentation that the boetian poet envisaged no more than convenience relationships, the present discussion sustains that all the elements that Aristotle considered essential for the rising of true friendship were already there. After getting to know the content of my observations, Konstan proposed this important contribution that finishes the text.

Key-words: Aristotle, Hesiod, Konstan, poetry, ethics, friendship.

---

Em seu livro intitulado *A amizade no mundo clássico*, tradução de Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Odisseus Editora, 2005, David Konstan nos apresenta com um acurado painel sobre as primeiras reflexões sobre a amizade no mundo ocidental que é de grande relevância histórica, filológica e filosófica. Sua pesquisa tem como ponto de partida a Grécia, de Homero

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

ao helenismo, passando pelo período clássico, discute a visão romana do fenômeno e alcança o catolicismo do quarto século da nossa era.

A tradução brasileira desta bela e importante obra nos brinda com um excelente instrumento para aprofundar nossas pesquisas e reflexões sobre um sentimento que nos é particularmente caro, a despeito de sua universalidade. Creio mesmo ser impensável, para um brasileiro, estudar esta obra sem ter a belíssima canção “*Amigo é pra essas coisas*”, de Chico Buarque ou o conceito de “*homem cordial*” de Darcy Ribeiro como pano de fundo, apenas para citar alguns exemplos da importância da percepção da amizade na construção do nosso caráter.

O propósito inicial do presente trabalho era o de discutir a posição de David Konstan acerca da amizade em Hesíodo apresentada em seu livro “*A amizade no mundo clássico*”, onde o autor sustenta que nas suas relações com o vizinho Hesíodo tem em vista apenas e tão somente a conveniência. Após ter dado a tarefa por concluída, tive a feliz oportunidade de submeter meu texto ao autor discutido e sua acolhida foi tão estimulante que tornou-se imperioso incluir aqui o resultado deste debate, transformando assim o que era para ser “*Uma resposta a David Konstan*” em “*Uma conversa com David Konstan*”, algo que é, sem dúvida, muito mais pertinente e também mais aprofundado.

As observações de Konstan seguem-se às minhas e traço, no fim do trabalho, algumas considerações sobre o ganho que esta conversa acrescentou, não só à minha leitura de Konstan, mas também à minha leitura de Hesíodo. As palavras finais são do Professor.

Tenho como pano de fundo nesta discussão o tratado aristotélico sobre a amizade apresentado no livro VIII da “*Ética a Nicômaco*”, já que a amizade que visa a conveniência, sustentada por Konstan, nada mais é do que a amizade pautada na utilidade, que Aristóteles apresenta, juntamente com a amizade pautada no prazer, como relações que guardam uma certa semelhança com a amizade segundo a virtude, esta sim, a verdadeira amizade.

O que tentarei demonstrar aqui é que Hesíodo põe em jogo, em “*Os Trabalhos e os Dias*”, elementos fundamentais para a constituição de uma amizade segundo a virtude, conforme os padrões de Aristóteles.

E importante começar abordando os pontos em que há concordância entre a minha visão e a de Konstan.

Em primeiro lugar, há concordância de entendimento no que diz respeito ao mundo homérico. Segundo Konstan, não há em Homero uma referência específica a amigos. A afeição entre heróis está inserida em uma estrutura hierárquica que envolve um elemento de

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

deferência e até de medo<sup>1</sup>. Mesmo a relação entre Aquiles e Pátroclo, tida por muitos como uma das amizades paradigmáticas do mundo antigo<sup>2</sup>, revela traços de assimetria incompatíveis com a simetria requerida pela amizade, seja devido a um possível elo erótico, onde, no mundo grego a assimetria era requerida<sup>3</sup>, seja pela relação hierárquica, uma vez que Pátroclo é descrito como uma espécie de escudeiro de Aquiles.

Outro ponto de concordância é o fato do autor reconhecer em Hesíodo os elementos que oferecerão o contexto da amizade pessoal na cidade-estado clássica. A Konstan não causa muita surpresa que o mundo camponês descrito por Hesíodo pareça antecipar a sociedade da pólis<sup>4</sup>.

O ponto onde os entendimentos se afastam é a visão de Konstan de que Hesíodo tem em vista a conveniência, ou, no jargão aristotélico, Hesíodo visa uma amizade regida pela utilidade. A convicção do autor é tão forte que ele a expressa por duas vezes nas três páginas que ele dedica à amizade em Hesíodo. Na primeira oportunidade ressalta que a *“cooperação é um valor importante, mas deve ser tratada com cautela e considerando a vantagem própria”* quando aborda os versos 353-4, aqui transcritos segundo a tradução brasileira de seu livro: *“recebe bem quem o recebe [tòn philéonta phileîn], entra em contato com quem entra em contato contigo, dá se ele der, não dê se ele não der.”* A segunda é a ocasião onde analisa os versos 344-6, que tratam da preferência pelos vizinhos aos parentes, especificando que é melhor convidar os que moram mais próximos: *“pois se qualquer problema local surgir, vizinhos[geítones] vêm como estão, ao passo que os parentes se vestem: um mau vizinho é um desastre tanto quanto um bom vizinho é uma benção.”* Konstan considera este conselho prático, não como cultivo de amizade, mas como uma disposição para ser amistoso e útil aos vizinhos, algo reconhecido como valor em qualquer sociedade de aldeia<sup>5</sup>.

É possível começar a contestar a posição do autor a partir de seu próprio livro. Já na Introdução, escreve: *“Se amigos proporcionam presentes, presentes proporcionam amigos (...) o fluxo material subscreeve ou inicia relações sociais.”*<sup>6</sup> Ora, os presentes que os candidatos a amigos trocam entre si podem ser bens materiais (*skeúa, khrémata*) ou favores, que são ações (*práxeis*). Por outro lado, a expressão *“inicia relações sociais”* sugere um

---

<sup>1</sup> KONSTAN, D. *A amizade no mundo clássico*. Tradução de Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Odisseus Editora, 2005. p.58.

<sup>2</sup> Idem, p.32

<sup>3</sup> Idem, p. 57.

<sup>4</sup> Idem, p. 63.

<sup>5</sup> Idem, p. 61-2

<sup>6</sup> Idem, p. 5.

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

*continuum* que leva a um aprofundamento, mas a abordagem de Konstan parece descrever uma série repetitiva de trocas pontuais e estanques.

Ainda dentro mesmo da passagem em questão, Konstan não deu atenção a dois versos importantes, o verso 352, “*Nada de ganhos escusos: estes são como ilusões.*” E o verso 356, “*Doação é boa; roubo é mau: traz a morte*”<sup>7</sup>. Em primeiro lugar, a interdição ao roubo é patente. Nunca é demais lembrar que este é um dos pontos nevrálgicos do poema. Hesíodo quer revogar a ética heroica que legitima o ganho pelo saque. Em segundo lugar, é a doação que é boa, e não o favor recebido. Como então pode haver uma vantagem própria fundando o ato de dar? Por outro lado, parece lícito inferir que aquilo que se está dando foi conquistado com o próprio trabalho, e não com o saque. Conquistar as coisas com o próprio trabalho confunde-se com o próprio *Caminho da Virtude*<sup>8</sup>.

Os versos que se seguem, “*O que o homem dá por vontade/ alegre-o como presente e agrada seu espírito. (vv. 357-8)*”, introduzem o prazer que marca as trocas que se estabelecem entre homens que já trilharam o caminho da virtude. Segundo Aristóteles, apenas a amizade segundo a virtude conjuga prazer e utilidade, não como finalidades da relação, mas como algo que acompanha a relação.

Hesíodo aborda o relacionamento com o vizinho na passagem que abrange os versos 342-370. Logo no primeiro verso desta sequência, o vizinho já se desdobra em duas possibilidades: ou é amigo, ou é inimigo. Este é um castigo, aquele, grande socorro. Na base de tudo está a utilidade. Cito os versos 344-45: “*se alguma desgraça se dá em tua casa,/ os vizinhos de presto te acodem, parentes demoram.*”. Mas, se esta utilidade é regida por uma noção de reciprocidade, onde prevalece, à primeira vista, o interesse próprio, cito os versos 349-51: “*Mede bem o que vem do vizinho e bem o retorna/ na mesma medida ou mais, se poderes,/ para que, precisando mais tarde, o encontres disposto.*”, ou ainda, numa fala mais crua, como nos versos 354-55: “*Dá a quem te dá e a quem não te dá nada dê:/ dá-se a quem dá, ao que não dá, ninguém dá.*”, por outro lado, é também delimitada por preceitos morais, o primeiro expresso por uma negação: “*Nada de ganhos escusos, estes são como ilusões. (v.352)*”, o segundo por uma afirmação: “*Doação é boa, roubo é mau: traz a morte. (v.356)*”.

Em outras palavras, a doação pressupõe também uma recepção, isto é, troca, algo que está em questão desde o início do poema: a distinção entre a troca justa e a troca escusa (vv.35-41).

---

<sup>7</sup> Doravante, as citações dos versos de Hesíodo obedecem à minha tradução, cujo extrato do trecho estudado encontra-se ao final deste trabalho.

<sup>8</sup> Os versos 289-292 de *Os Trabalhos e os Dias* ficaram conhecidos como “*Caminho da Virtude*”.

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

Por detrás deste linguajar seco e pragmático, descortina-se um tipo de relação interpessoal ausente em Homero: uma associação que visa à preservação da vida boa. A associação entre os heróis de Homero, a *symakheía*, visava à guerra e a honra, o que instaurava uma tensão permanente: os heróis eram aliados na medida em que buscavam a vitória, mas eram eternos rivais na busca pela glória.

Hesíodo agiu aqui, na sua dissertação sobre a amizade, de modo semelhante ao que tratou da virtude. Em nenhum dos casos, apresentou uma definição, mas enquanto com relação à virtude, apresentou sua via de aquisição<sup>9</sup>, ao tratar da amizade, apresentou suas condições de possibilidade, onde a principal é a reciprocidade, expressa, dentre outros, pelo preceito de dar a quem dá e de negar a quem não der, seguida pela convivência, expressa pela proximidade do vizinho, contrastante com a distância dos parentes, que demoram com o auxílio.

No bojo da exigência da conquista dos bens pela via do trabalho - *nada de ganhos escusos*, ou ainda, *o roubo é mau* – subjaz a própria exigência do trabalho, aqui expressa de forma discreta, mas que sugere também a repetição do ato, que não é outra coisa que o “Caminho da Virtude”. Nos versos 361-62 ouvimos: “*E se acrescentares pouco ao pouco/ e com frequência o fizeres, logo muito será.*”

É bem verdade que a exigência do trabalho como condição para tornar-se também merecedor de auxílio fica mais esclarecida mais adiante, já fora desta passagem dedicada à relação com o amigo. Ouçamos os versos 397-401: “*Trabalha, Perses tolo,/ os trabalhos que os deuses destinaram aos homens/ para que nunca, com filhos e mulher, coração aflito,/ peças sustento aos vizinhos e eles te neguem./Duas ou três vezes talvez consigas, mas se insistires/ não terás coisa alguma.*”

Em outras palavras, para tornar-se merecedor do auxílio do vizinho, o homem deve exhibir um caráter trabalhador. A busca de auxílio junto a vizinhos que são *spoudáioi*, *ísoi* e *homóioi*, dá ensejo a um novo sentimento. O verso 347 diz: “*Ganha um tesouro quem tem um vizinho de escol.*” As relações que se estabelecem entre estes fundam uma nova experiência social, e a prática reiterada da doação transforma-se no prazer expresso pelos versos 357-58: “*O homem que dá por vontade, ainda que muito,/ alegra-se com o presente e agrada seu espírito.*”

Na raiz deste processo encontra-se a autossuficiência (autarquia), algo muito caro a Hesíodo e cantado nos versos 366-67: “*É bom colher o que é seu, castigo para a alma/ é*

---

<sup>9</sup> Cf. vv 289-292

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

*precisar do que falta. Pense bem nisto.*”, e que Aristóteles apresentará duplamente, primeiro por meio de uma negativa: “*Por autossuficiente não entendemos aquilo que é suficiente para o homem isolado, para alguém que leva uma vida solitária, mas também para os pais, os filhos, a esposa, e em geral, para os seus amigos e concidadãos, já que o homem é um animal político*<sup>10</sup>”, em seguida positivamente: “*Definimos a autossuficiência como aquilo que, em si mesmo, torna a vida desejável, por não ser carente de nada*<sup>11</sup>.”

Mas há ainda algo desta apresentação da amizade que foi intencionalmente omitido e é agora trazido à cena: a primeira definição que Aristóteles apresenta da amizade é que esta é uma virtude, ou vem acompanhada da virtude<sup>12</sup>. Ora, na abertura do Livro II da *Ética a Nicômaco*, o filósofo sustenta que há dois tipos de virtude, a intelectual e a moral<sup>13</sup>. Uma vez que a amizade exige a existência de um outro com quem se relacionar, é válido inferir, já que Aristóteles não esclarece que tipo de virtude é aquela que é ou acompanha a amizade, que trata-se aqui de uma virtude moral. A virtude moral é adquirida pelo hábito<sup>14</sup> e resulta do exercício “*tás d’aretás lambánomen energésantes próteron*<sup>15</sup>”, ou seja, “*adquirimos as virtudes depois de termos trabalhado*”. Isto implica em que há aqui um trabalho trabalhando sobre o trabalho ou uma força de realização que se atualiza na própria obra, no próprio agir. Se a amizade é, de certa forma uma capacidade natural, ela demanda uma ação sobre si para realizar-se.

Se alguém que age sobre si vê o vizinho agindo, também ele, sobre ele mesmo, o reconhecimento é imediato e ambos se reconhecem *spoudaioi, isoí e homoioi* e suas trocas e retribuições são necessariamente justas.

Esta é, para Aristóteles, “*a amizade perfeita, aquela que se dá entre homens bons e iguais em virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos*<sup>16</sup>”. Esta forma de amizade, que o filósofo assumirá como o padrão segundo o qual as demais formas de amizade, seja com vistas ao que é útil, seja com vistas ao que é prazeroso, guardam certa semelhança<sup>17</sup>, atende, em última análise, às mesmas condições estabelecidas pelos versos de Hesíodo, pois lá a relação começa a partir da utilidade, mas a exigência de reciprocidade marcada pelo verso 324 - “*Dá a quem dá e a quem não te dá nada*

<sup>10</sup>ARISTÓTELES. EN. I.7.1097b 9-11.

<sup>11</sup>Idem, 1097b 15.

<sup>12</sup>Idem, VIII, 1, 1155 a 2.

<sup>13</sup>Idem, II, 1, 1103 a 14.

<sup>14</sup>Idem, I, 1103 a 17.

<sup>15</sup>Idem, II, 1, 1103 a 31.

<sup>16</sup>ARISTÓTELES, EN. VIII, 3, 1156 b, 7. Tradução do autor.

<sup>17</sup>Idem, VIII, 4, 1157 a, 1-2.

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

dês.”- introduz a exigência do trabalho, fonte da virtude e, retornando a Aristóteles, a amizade segundo a virtude é justamente a única que conjuga nela mesma a utilidade e o prazer, enquanto que as amizades pautadas unicamente no prazer ou na utilidade são ditas amizade devido à semelhança.

Ao tomar conhecimento destas ponderações, Konstan retornou:

- *“O principal ponto do autor é o de que os laços aprovados por Hesíodo estão fundados na apreciação do caráter – as virtudes de trabalho duro e honestidade – assim sendo, minha sugestão de que Hesíodo visava somente a utilidade como base fundadora da amizade torna-se muito limitada. O ponto está bem sustentado e eu não lhe objetaria.*

*Entretanto, o autor parece não ter se dado conta de algo que escrevi a respeito de Hesíodo, que poderia talvez aproximar ainda mais nossas visões:*

*Há, no entanto, uma passagem onde Hesíodo parece estar claramente falando sobre amizade:*

*“Não tornes um hetairos igual a um irmão [kasínetos], mas se o fizeres, não sejas o primeiro a enganá-lo ou mentir para ele com a própria língua. Se ele começar a dizer ou fazer algo ofensivo, lembra-te de lhe pagar em dobro. Se ele te aceitar novamente em sua afeição [philótes] e estiver disposto a pagar a sanção, recebe-o: desprezível é o homem que faz um philos aqui, um philos ali.”<sup>18</sup>*

*O termo philos, que aqui ocorre na sua fórmula usual, acompanhado de poieisthai, parece ser antes substantivo do que adjetivo; além do mais, o contexto sugere o deliberado reconhecimento de um laço especial que tanto pode ser quebrado quanto cultivado. O amigo aqui é uma categoria distinta do parente, do vizinho e do camarada. Estabelecer uma amizade com alguém envolve não só sentimentos calorosos, como também um comprometimento com a relação. Como se pode ver, penso que Hesíodo reconhece amigos verdadeiros e não apenas vizinhos.*

*E prossigo:*

*“Esses são os elementos que oferecerão o contexto da amizade pessoal na cidade-estado clássica: a articulação de uma esfera entre o lar individual e a sociedade civil em geral, regulada por convenções de sentimento mais do que pela lei da propriedade e direitos políticos, e que atrai, ao menos nos primeiros estágios, uma conexão específica com uma identidade de classe articulada em torno do banquete coletivo ou simpósio. Não é de causar muita surpresa que o mundo.”*

---

<sup>18</sup> Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias* - versos 707-13, tradução da tradução de David Konstan.

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

*Assim sendo, eu certamente reconheço que a genuína amizade é um valor em Hesíodo. Talvez tenha falhado em indicar que o poeta tinha em mente as virtudes e o caráter como base desta amizade, e isto merece ser reconhecido para apreciar a amizade dentro dos termos aristotélicos.”*

Em face às observações de Konstan, tenho que admitir que realmente não vi, na passagem por ele empregada, os versos 707 a 713, o *continuum* do qual reclamei ausência acima, na página 33, decerto obscurecido pela prescrição, no caso em tela, de retornar o malfeito e não o favor ou o presente recebido.

De qualquer forma, Konstan lança luz sobre o conselho de Hesíodo para mantermo-nos sempre numa disposição de possibilidade de retomar o curso da construção da amizade. No seu comentário aos versos acima, ele chama atenção para a fragilidade da amizade, principalmente quando se tem como elemento comparativo a profundidade e a intensidade dos laços de sangue, sobretudo o irmão, que não deve nunca ser equiparado ao camarada, e que abre a passagem em tela no papel de referência profunda. A amizade, sobretudo a nascente, demanda cuidados constantes. Depois de consolidada, ela vai permitir e, por vezes propiciar os debates mais violentos. Os amigos têm o direito e o dever de intervir na vida um do outro. Não foi em vão que Aristóteles definiu o amigo como “*um outro eu*”.

No final de sua réplica, Konstan aponta para a articulação da esfera individual com a sociedade civil como um todo. Com esta manobra, a amizade é guindada à sua função de cimento social e mostra que a sociedade é mais regulada e regulável por sentimentos do que por leis. Não há como discordar disto.

Não posso encerrar minha participação neste volume de Anais de Filosofia Clássica, dedicado à memória do amigo Marcos Sinésio, sem explicitar o quanto sinto-me honrado e feliz de estar aqui falando de amizade, mas, conforme anunciado, as palavras finais são de Konstan e, por todos os motivos, não traduzidas:

“It’s a pleasure to be in dialogue: this is a very nice way to show how scholarship really progresses.”

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

### Extrato de Os Trabalhos e os Dias

Tradução de Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli

35 – chance de agires assim. Julguemos aqui nossa crise  
36 – com retribuições retas de Zeus, as mais justas.  
37 – Pois a nossa herança já está dividida e muito  
38 – levaste de rapina, bajulando bastante os reis  
39 – comedores de presentes que trocam favores.  
40 – Néscios, não sabem quão maior é a metade que o todo,  
41 – nem quanto proveito há na malva e no asfódelo.

289 – Mas perante a virtude suor ordenaram os deuses  
290 – imortais. É longa e inclinada a subida até ela,  
291 – espinhosa no início, mas quando se chega ao topo  
292 – mais fácil se torna, ainda que seja difícil.

342 – Convida o amigo ao banquete. Evita o inimigo.  
343 - Sobretudo convida ao que vive bem perto de ti  
344 – pois se alguma desgraça se dá em tua casa,  
345 – vizinhos acodem sem cinto, parentes o cintam.  
346 – O mau vizinho é um castigo, o bom grande socorro.  
347 – Ganha um tesouro quem tem vizinho de escol:  
348 – nenhum boi se perderia se o vizinho não fosse mau.  
349 – Mede bem o que vem do vizinho e bem o retorna  
350 – na mesma medida, ou mais, se puderes,  
351 – para que, precisando mais tarde, o encontres disposto.  
352 – Nada de ganhos escusos: estes são como ilusões.  
353 – Seja amigo do amigo e vai a quem vem p'ro teu lado.  
354 - Dá a quem te dá e a quem não te dá nada dê:  
355 – dá-se a quem dá, ao que não dá ninguém dá.  
356 – Doação é boa; roubo é mau: traz a morte.  
357 – O que o homem dá por vontade, ainda que muito,  
358 – alegra-o como presente e agrada seu espírito,  
359 – mas aquele que rouba, arrastado pela cobiça,  
360 – uma migalha que seja, congela seu coração.  
361 - Pois se acrescentares pouco ao pouco  
362 – e com frequência o fizeres, logo muito será.  
363 – Quem acrescenta ao que já tem, afasta fome ardente.  
364 – O que está guardado em casa não tira o sossego do homem.  
365 – É melhor que esteja em casa: o de fora é nocivo.  
366 – É bom colher o que é seu, castigo para a alma  
367 – é precisar do que falta. Pense bem nisto.  
368 – Farta-te do jarro no início e no fim.  
369 – Sê comedido no meio: poupar o fundo é inútil.  
370 – Honra o pagamento acordado ao amigo.

Mantovaneli, Luiz Otavio de Figueiredo  
Amizade em Hesíodo : uma conversa com David Konstan

397 – nem empresto de novo. Trabalha, Perses, tolo  
398 – os trabalhos que os deuses destinaram aos homens  
399 – para que nunca, com filhos e mulher, coração aflito,  
400 – peças sustento aos vizinhos e eles te neguem.  
401 – Duas ou três vezes, talvez consigas, mas se insistires  
402 – não terás coisa alguma. E tu jurarás em vão,

[Recebido em fevereiro de 2010; aceito em junho de 2010.]